

2010 - O terrorismo não se faz só com armas

O terrorismo não se faz só com armas

por: Eugénio Costa Almeida©

As Nações Unidas e os principais países que formam este areópago global que é a nossa Casa, a Terra, têm, e sempre o fizeram sempre que as circunstâncias e as oportunidades de interesses particulares se sobrepujam aos valores mais globalizadores, declarado guerra a todas as formas de terrorismo. Nada mais natural. Não é permissível que o terror se sobreponha a um nível de vida cível onde a cultura da Liberdade seja colocada em causa. Todavia, nem sempre o terrorismo é caracterizado, como habitualmente nos oferecem os meios de comunicação social e os indiferenciados meios governamentais, pela existência de veículos de terror bélico, como, por exemplo, o que tele-assistimos no Afeganistão, no Sudão, ou, mais recentemente, no estúpido e inaudito ataque das autoproclamadas FLEC-PM à comitiva do seleccionado do Togo que ia estar presente no CAN2010, na província angolana de Cabinda. E se os momentos de terror que se verificam no Afeganistão e no Sudão se devem a razões religiosas, primeiras, económicas e territoriais como segunda razão, em Cabinda sobrepujam-se razões territoriais e económicas e, que muitos se esquecem porque se esquecem da História, antropológicas. Muitos esquecem-se que cerca de 2/3 de Cabinda pertenceram ao antigo Reino do Congo, cuja sede era em Mbanza Congo, na província angolana do Uíge. Esquecem-se alguns cabindas, como se esquecem muitos angolanos, principalmente aqueles que estão sentados na gravitação do Poder. Mas não se esquecem, por certo, todos os bakongo (os (ba - congo) caçadores), dos dois lados da fronteira, nem aqueles que, em Angola, no longínquo dia de 22 de Janeiro de 1993 foram perseguidos só porque falavam mal – ou deficientemente – portugueses. Isto também é uma forma néscia de terror, logo terrorismo. Não se esquecem os bakongo, como não se têm esquecido ao longo dos anos com a criação e reactivação periódica do grupo político ABAKO (Alliance des Bakongo, criada por Joseph Kazavubu, nos anos 50 do século XX, e que visava a união de todos os bakongo). Por isso alguns se insurgem quando afirmo que por detrás de alguns dos grupos separatistas cabindenses estão não só indivíduos de Cabinda mas, principalmente, interesses dos dois Congos (Democrático e Brazza) na perspectiva de uma possível divisão do território entre ambos tal como chegou a ser debatido no finais da década de 60 inícios de 70, do século XX, entre os regimes de Marien Ngouabi, do CongoBrazza, e Mobutu, do Congo Democrático, ex-Zaire. Isto, apesar do primeiro se intitular socialista e ter criado a República Popular e o segundo ser apoiado pelas sucessivas administrações norte-americanas que, desde muito cedo, exploraram e exploraram o petróleo de Cabinda. É certo que constatamos que as armas predominam no explanar do terror. Foi e tem sido essencialmente assim. Mas também sabemos e a História africana é pródiga em o confirmar que os terroristas de ontem são os heróis de hoje e sê-lo-ão os de amanhã. Foi-o na Palestina, foram-no os maquis em França, na 2ª Guerra Mundial, foram-nos os movimentos de esquerda na América Latina, como o foram os pais da Liberdade nos EUA, para já não falar nos diferentes movimentos emancipalistas que vingaram em África e que deram novos Países ao Mundo. Como também o estão a ser, agora, os movimentos secessionistas do Sudão que, hoje como o foram ontem os eritreus, estão em vias de serem o País ser dividido entre um Norte islamizado e um Sul independente animista com o beneplácito da Comunidade internacional que mantém a ancestral política anglófona de “se não se dão bem que se separem” sem tomar em conta questões antropológicas e históricas. Se a Eritreia foi um marco histórico e o primeiro caso de secessão em África que estilhaçou a Magna carta da OUA e a posterior União Africana quanto à intangibilidade das fronteiras coloniais, Sudão vai ser o fim da mesma o que levará que mais regiões se perfilam para exigir as “naturais” separações. Daí que criar terror político com detenções a oito de políticos, académicos e jornalistas em Cabinda não só não irá abrandar eventuais recrudescimento de actos de terrorismo bélico como esta atitude do Poder – não sei se realmente com proveniência de Luanda, se por indicação de pessoas que temem perder benefícios pessoais, ou se de indivíduos estacionados em Cabinda que pensam em mais altos voos e acham que perseguir, independentemente do modo como o façam, é bajular e dizer que estão presentes – só irá acirrar mais rancores e ódios atraem ódios. Ou seja, armas activas atraem repressão. E repressão muitas vezes é uma forma abjecta de terrorismo do Poder sobre as populações, normalmente mais indefesas! Recordemos, nesta data que se recordam as vítimas do nazismo, como eram as populações mais indefesas que pagavam pelos “crimes” dos maquis!26.Jan.2010 ©Publicado no semanário santomense Correio da Semana, ed.249, de 6-Fevereiro-2010, (<http://www.correiodasemana.info/spip.php?rubrique10>)